

AMOSTRA



JOÃO
ANZANELLO
CARRASCOZA
CORPO DO
TEMPO: CICATRIZES
HISTÓRIAS COM:
DOIS PONTOS

FARFESILVA
EDITORA

Sumário

A: conselheira, 7	Ciclo: (s), 30
Alguns: pertences, 11	Corpo do tempo: cicatrizes, 32
Ainda: dá tempo, 12	Costura: de meses, 34
Amor: ordem, 14	Desapego: apego, 35
Anos: de separação, 17	Dizer: maldizer, 37
As pessoas: seus atos, 19	Duas: vozes, 39
Às vezes: sempre, 22	Ela: visionária, 41
Bicho: homem, 23	Ele: eu, 43
Cabelos: brancos, 24	Então: mas, 45
Caim: Abel, 25	Escada: menina-senhora, 47
Caixa: bens, 26	Escrita: tempo, 50
Chave: certa, 28	Escuro: argila, 52
	Estação: Madalena, 54
	Eu: sofrimento, 56

Fases: das lembranças, 59
Filho: fim, 60
Filho: veleiro, 62
Irmã: imóvel, 64
Léxico: novo, 66
Lições: duas, 68
Mãe: mãos, 70
Meu primeiro: amor, 72
No entanto: aliados, 74
Nome: Dolores, 76
Observador: de elite, 78
O peso: compatível, 80
Os dias: a vida, 81
Palavra: gemidos, 83
Palavras: prisão, 84
Salto: página, 86
Sangue: sangue, 88
Sempre: às vezes, 90
Sol: chuva, 91
Sombras: luz, 93
Superfície: lisa, 95
Um amor: morto, 98
Verbos: outros tempos, 100
Vida: breve, 102
Vide: a vida, 104

A: conselheira

Naquele bairro periférico em que vivi alguns meses num velho sobrado, havia um prédio próximo ao cinturão de casas modestas que ocupavam as poucas ruas ali existentes. Erguia-se como um corpo estranho na região, um coqueiro em meio à relva rasteira. Nele, moravam famílias de migrantes, jovens operários, idosos solitários. E ela: a conselheira – designação que me ocorreu, não sem um grão de ironia, depois de ouvir a sua voz saltando do apartamento que dava para os fundos de meu quarto. Falava alto, graduando o tom peremptório das palavras como quem se dirige não a seu interlocutor, mas a uma plateia: uma plateia obrigada a ouvi-la e a aplaudir a sua sensatez e o seu poder discricionário de encontrar soluções (para as vicissitudes alheias, melhor talvez do que para as próprias). A conselheira entrava em ação à noite, ao retornar do trabalho (*e qual seria?*, eu me

perguntava); durante o dia, sem a presença dela, o silêncio circulava como vento pelas ruas do casario. As “sessões” começavam invariavelmente quando o celular dela tocava: mal dizia “alô”, a conselheira disparava perguntas atrás de perguntas, ansiosa para atirar na água da conversa a sua rede de recomendações. Os assuntos eram os mais diversos: desde itinerários de ônibus até aplicações financeiras em renda variável – e mesmo os temas mais frívolos, que não pediam prescrição nenhuma, senão meros comentários, ganhavam dela alguma advertência. Por vezes, e aí a sessão atingia o status de extraordinária, a conselheira recebia visita em seu apartamento, levava-a para a sacada, onde havia duas cadeiras de vime – e, então, a sua voz soava altissonante para que todos os moradores do prédio – e das casas – ouvissem a sua ilimitada sabedoria. No princípio: divertia-me escutá-la, embora não me interessasse nem os assuntos – ela passava dos comezinhos aos íntimos com igual naturalidade –, nem os respectivos conselhos que se seguiam aos seus exórdios e, sobretudo, às suas perorações. De repente, as palavras da conselheira, como agulhas, perfuravam a teia escura da noite e me pegavam distraído; eu demorava um tempo para entender que aquelas frases indagativas não

eram da minha consciência, tampouco de um espírito feminino ancestral, que me alertava para os perigos da existência. Com o dispersar dos dias, no entanto, passei a me aborrecer: tão logo captava os primeiros trechos do diálogo dela com alguém, do outro lado da linha (não seria, enfim, um monólogo?), dei para julgar, perversamente, as suas sensatas preleções, o que freava (em parte) a minha ira e reduzia o meu amargor. Em certas ocasiões, quando me sentia exausto, sem paciência comigo mesmo (imagine, então, com a vida de estranhos), cheguei a enfiar a cabeça pela janela para protestar – lembro-me de uma vez em que eu disse, *dá pra falar mais baixo?*, o que a calou por um instante, para em seguida retornar à conversa no mesmo diapásio de indiferença –, mas desisti, convicto de que, mesmo se inconsciente, era esse o intuito dela: chamar atenção para si, exhibir o seu cabedal, officiar a sua liturgia, pouco se importando com os descrentes da vizinhança. Tentei distinguir seu rosto nas noites em que saía à sacada, mas ela nunca se aproximava do parapeito; o máximo que avistei, além de seus pés, foi a silhueta de um corpo largo e pesado – o que combinava bem com o seu excesso: de certezas e verdades. Recordo-me de que quando fui embora do bairro, no entardecer de um sábado,

postei-me à porta do sobrado, à espera de ouvir a sua voz, talvez porque, apesar do alívio futuro, era o som dali que mais despertava a minha humanidade. Agora, passados tantos anos, vivendo numa casa diante do mar, flagrei há pouco um coqueiro, assolado pela tempestade, despencando sobre a relva, e, estranhamente, lembrei-me da conselheira. O que dirá (se é que já não o disse!) para si mesma, quando a finitude lhe cobrar a entrega da vida? Uma súbita compaixão se apoderou de mim e só então descobri o quanto, ingenuamente, em alto volume, ela tentava (com os seus vãos conselhos) amenizar a sua (a nossa) irremediável condição.

Alguns: pertences

A flor que brota dessa planta sempre será de sua terra: embora fora dela.

O dente arrancado da gengiva sempre será de sua boca: mesmo atirado no lixo.

Os cabelos sempre serão da cabeça de onde despontaram: ainda que estejam entre os dedos alheios.

As águas das nuvens, em chuvas transformadas, sempre serão águas das nuvens que as geraram: não importa onde secam.

Pertencer é: um bem de raiz.

O que é nosso – sonhos, perdas, versos –, nosso continuará: até que no mundo se dilua.

Por isso: o que é concedido, antes de o ser, já é de quem o recebe.

A vida é do nada: razão pela qual nos é dada.

Ainda: dá tempo

Ainda: dá tempo de levá-la ao teatro para assistir a uma peça infantil, e, no escuro, sabendo-se velho, vivenciar a bênção de tê-la ao seu lado, menina, encantada com o jogo de cena, descobrindo os primeiros vislumbres da arte de representar – de ser outro, de ser quem ele não sabe mais ser –; uma experiência tão comum entre pais e filhos, mas, no caso de ambos, rara, talvez derradeira, porque ele já está às portas de outra (a verdadeira) escuridão. Ainda: dá tempo de fazer refeições com ela, dividindo o prato e evitando os dissabores, como se não fosse acontecer o que, em breve, aconteceria, separando-os para sempre. Ainda: dá tempo de ir com ela à praça do bairro, e vê-la brincando no balanço e no escorregador, misturando-se com outras crianças (misturar-se é uma forma de lembrar que não estamos, ou que não somos seres solitários). Ainda: dá tempo de viver semanas sob a mentira

da normalidade, talvez meses (mas, dificilmente anos) sem que ela saiba do mal que se dissemina sem cura pelo corpo dele. Ainda: dá tempo? De dizer o que jamais poderá ser dito na ausência dele, o que lhe dói por saber, há tempos, que o ponto final o aguarda, tão acolhedor, e, que, no entanto, se ela o seguir, como filha de quem é, ao experimentar o sentimento abrasivo do vazio (ele roga aos céus, aos céus que não acredita, o contrário), ela conhecerá, intuitivamente, o poder assolador do adeus.

AMOSTRA

Amor: ordem

Ela reclamava: o marido, maníaco por ordem. Desde que haviam se conhecido, adolescentes. A verdade é que: ele gostava de ver cada coisa em seu lugar. Na medida para a boa convivência, ou era exagerada a sua atitude? Quem poderia dizer? Ela? Só ela? Ele? Só ele? Ou ambos, juntos a observar os pratos da balança? Ela reclamava. No começo, quando recém-casados, até se divertia, tão contrário o jeito dele da maioria dos homens: nenhum par de sapatos na sala, cueca alguma no chão do banheiro, segredo algum à vista de estranhos. Livros nas prateleiras da estante, palavras polidas antes de serem ditas, memórias no coração (para apanhá-las, como frutas, na hora em que a saudade tivesse fome). Ela reclamava: o marido arumadinho demais. Centrado. Providente. E, claro, ele reclamava dela: chaves esquecidas, recibos de compras mofando sobre a mesa, vidros de esmalte

abertos pela sala. Ela: a relapsa, a desleixada, a caótica. Ele: o doente, o obsessivo, o perfeito. O tempo os unia pelos anos de dor e contentamento partilhados: e os filhos. E depois os netos. O tempo os tolerava pelo dia a dia das condutas opostas: ela, a desorganizadora; ele, o ordenador. Ela reclamava: ele, na velhice, ainda mais “viciado” nos arranjos domésticos. E nos próprios sentimentos: os íntimos. Deu para chamá-lo de Ivan: Ivan Ilitch. Porque era verdade: ele raiva-estourava com a toalha jogada no box do banheiro, a cortina da janela do quarto semiaberta, os restos de comida grudados na pia depois que ela escovava os dentes. Mas no fundo: ela gostava de ver as almofadas ajeitadas (por ele) sobre o sofá, quando apareciam em casa inesperadamente familiares ou vizinhos. Ela gostava de chegar com as sacolas da feira e observá-lo a guardar as verduras e as frutas com cuidado na geladeira. Gostava de que o seu Ivan, como uma entidade mágica, sumisse em minutos com a bagunça que ela deixara. Mas, uma tarde, saindo às pressas para pagar uma conta no banco, ela deixou o caos na sala de estar, a cozinha cheia de louça suja, a copa pedindo ostensivamente que passassem o pano de chão. E, quando voltou, tudo estava do mesmo jeito: era a primeira vez que ele não

devolvera os objetos ao seu lugar. Admirada, caminhou até o quarto e o encontrou sobre a cama, de olhos fechados: instaurando, sem querer, uma nova (e inevitável) ordem na vida dela.

AMOSTRA